



Marcas de intimidade no telejornalismo: O papel dos testemunhos pessoais em programas de entrevistas e debates¹

Fernanda Mauricio da SILVA²
Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia

RESUMO

Historicamente, os programas de entrevistas e debates se consolidaram no telejornalismo brasileiro com base na troca de argumentos, informações e opiniões concedidas por especialistas, representantes políticos e fontes oficiais. Recentemente, observa-se que ao lado do parecer especializado dos entrevistados, os programas buscam valorizar a troca de experiências para transmitir a informação. O presente artigo reflete sobre os papéis dos testemunhos em programas de entrevistas e debates, a fim de mostrar que a intimidade e a exposição da vida privada não necessariamente resultam na perda da qualidade do telejornalismo, mas podem alinhar-se a parâmetros jornalísticos para cumprimento de seu papel social.

PALAVRAS-CHAVE: programas de entrevistas; debates; testemunho; intimidade.

Introdução

Desde o final dos anos 1970, a televisão brasileira tem se dinamizado em formatos jornalísticos que se diferenciavam dos telejornais. Naquela ocasião, em função do enfraquecimento da ditadura e do processo de redemocratização pelo qual passava o país, o debate público sobre assuntos políticos ganhou espaço na grade televisiva, especialmente com programas de entrevistas, a exemplo do *Abertura*, *Roda Viva*, *Vox Populi*, e de debates, como *Globo Debates*, *Canal Livre* (Rezende, 2000, p. 118). Calcados na conversação, esses programas foram responsáveis, em função do momento histórico, em estabelecer um modelo para as entrevistas e debates televisivos baseados no modelo pergunta/resposta, no relevo à política como tema central e na valorização de fontes oficiais, na transmissão de informações baseadas em dados científicos ou oficiais, configurando as expectativas da audiência em torno desses elementos.

Recentemente, no entanto, nota-se outra forma por meio da qual a informação pode aparecer nesses programas. Embora os programas voltados para política e economia ainda estejam presentes na grade de programação, é notável o crescimento de

¹ Trabalho apresentado ao GP Telejornalismo, X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia, com tese defendida em maio de 2010. E-mail: fernandamauricio@gmail.com



produtos que buscam na exposição da vida privada de seus entrevistados, geralmente celebridades, o foco para atrair a audiência. A disseminação, no Brasil e no mundo, dos *talk shows* voltados para o *showbusiness* é apontada como explicação para tal fenômeno (TIMBERG e ERLER, 2004). No Brasil, durante os anos 1990, a televisão foi palco da proliferação de debates e entrevistas em que se falava sobre tudo: “do dia-a-dia de um motel, aos últimos acontecimentos políticos, passando pela intimidade de artistas, donas de casa ou intelectuais” (VEJA, 22 jul. 1992).

Embora a questão da vida privada e da intimidade na televisão seja abordada nos estudos acadêmicos a partir de um olhar funesto sobre a relação entre público e privado, pretende-se, neste *paper*, apresentá-la a partir de uma perspectiva mais positiva, capaz, inclusive, de associar-se a parâmetros jornalísticos para o tratamento dos assuntos. O que está por trás da reflexão aqui suscitada é a disputa entre dois discursos sobre o jornalismo: o primeiro representa o modelo hegemônico, vinculado à noção habermasiana de esfera pública; o segundo, mais flexível, dialoga com as formulações propostas pelos Estudos Culturais, relativizando o caráter estritamente cognitivo do jornalismo e o concebe como instituição social voltada para os sentimentos e afetos dos telespectadores.

Assume-se que programas de entrevistas e debates, contemporaneamente, buscam legitimar-se diante da audiência fazendo-se cada vez mais semelhantes às conversas da vida cotidiana e, por isso, a partilha de experiências pessoais torna-se um elemento de atribuição de autenticidade para além dos conhecimentos compartilhados. Portanto, o artigo enumera quatro possibilidades pelas quais os testemunhos podem ser utilizados em programas de entrevistas e debates historicamente consolidados na grade de programação brasileira, seja pela longevidade de sua exibição (como é o caso dos programas *Roda Viva* e *Sem Censura*), seja pela trajetória de seu mediador (como o *Marília Gabriela Entrevista*³).

Testemunho, intimidade e jornalismo

Segundo François Jost (2003), o testemunho é a forma preferencial para transmissão de informação pelos jornalistas na atualidade, uma vez que substitui os dados fornecidos por especialistas pela autenticidade de experiências vividas por

³ Não se pretende efetuar uma análise pormenorizada desses programas, mas apenas usá-los como referencial para sustentar as posições aqui defendidas.



qualquer pessoa. Por outro lado, há quem pense que o testemunho faz parte de um processo de empobrecimento da televisão e, no jornalismo, efetua um desvio de sua função essencial: informar. Daniel Dayan (2006), por exemplo, relaciona os testemunhos ao pouco aprofundamento da televisão contemporânea:

[...] um especialista pode contradizer outro. Mas ao contrário, um especialista não pode contradizer o testemunho de alguém já que se refere a sua própria experiência. Ele não pode dizer a esse testemunho: ‘essa não é a sua experiência, essa não é a sua vivência, você não sabe exatamente do que está falando, eu conheço sua experiência melhor que você’ (DAYAN, 2006, p. 180).

Para o autor, os testemunhos entram na televisão com o peso de um argumento contra o qual ninguém pode refutar. Segundo Dayan (idem), certos programas televisivos promovem uma publicização da vida privada, sem que haja um debate mais amplo que insira os testemunhos pessoais concedidos. Deste modo, os programas levam seus convidados para o estúdio apenas para falar sobre algo que viveram, e não para usar a experiência pessoal como argumento sobre uma temática, criando uma deformação nas narrativas jornalísticas, às quais denominou “relatos jornalizados”.

Tais posicionamentos põem em evidência perspectivas distintas acerca do jornalismo e seu papel social. Historicamente, o jornalismo tem-se construído como instituição social responsável pela transmissão de informações relevantes que orientam os indivíduos para seu papel cívico. Sendo assim, a aproximação do jornalismo dos relatos objetivos dos fatos visava retirar das narrativas as emoções e opiniões do repórter, tornando-os um recorte da realidade, por meio do qual os indivíduos poderiam agir politicamente e formar suas opiniões.

Esse discurso hegemônico sobre o jornalismo – que se espalha pelos mais variados meios – encontrou ainda mais sustentação após a formulação do conceito de esfera pública por Jürgen Habermas (1984), que afirmava que a função do jornalismo era fomentar o debate público através do argumento, da razão e da discursividade. Wilson Gomes (2005, p. 24) resume a implicação dessa formulação da noção de esfera pública para o papel da imprensa:

No modelo liberal, a imprensa era ao mesmo tempo um lugar, uma ocasião e um meio da pública comunicação. Nela, por ela e com ela se estabelecia o debate aberto e racional acerca de quaisquer objetos de interesse comum levado a termo por um público de pessoas privadas aptas para o uso público da razão. A opinião pública emerge desse debate como a sua meta alcançada (2005, p. 24).



Como conseqüência, o discurso hegemônico do jornalismo destituiu a vida privada dos relatos. Apesar de a exposição da vida alheia ocupar as páginas de jornais impressos desde antes da formação do jornalismo moderno na Europa dos séculos XVIII e XIX (Traquina, 2005, p. 65), tal prática, após a consolidação do jornalismo moderno, passou a ser vista como mero elemento diversional, desviando o jornalismo de assuntos realmente sérios, como política e economia. A exposição da vida privada e da intimidade no jornalismo passou a ser identificada com o jornalismo tablóide, baseado em notícias sensacionais sobre crimes, escândalos morais sobre as elites, contos humorísticos (Örnebring; Jönsson, 2004, p. 10).

Essa noção habermasiana de esfera pública, porém, atribui ao jornalismo a função de alcançar a audiência a partir de seu papel cívico, ignorando interesses outros que envolvem o indivíduo enquanto pessoa comum:

a audiência midiática não é apenas formada por cidadãos, mas também por indivíduos privados com amplo espectro de pensamentos e, não menos importante, sentimentos. O jornalismo tablóide, por outro lado, é freqüentemente direcionado mais ao sentimento e sensibilidade do que à razão e racionalidade, e é, a esse respeito, próximo ao modelo ideal de narrativa jornalística. Para motivar os cidadãos a assumirem seu lugar no discurso político, é necessário para as notícias midiáticas tentar alcançar e apelar a ambos: a mente humana racional e às emoções. Atrair o interesse da audiência é um dos principais objetivos da seleção e apresentação das notícias (ÖRNEBRING; JÖNSSON, 2004, pp. 8-9).

É nessa vinculação com o sensível e emocional que a abordagem da vida privada dos indivíduos se mostra pertinente para pensar papéis outros do jornalismo. Considerar a audiência a partir de seus sentimentos implica pensar nas formas narrativas que valorizam os aspectos vividos como forma de legitimar a informação. No caso de programas de entrevistas e debates, nota-se que ao lado de informações concedidas por especialistas e fontes oficiais com base em dados concretos, os testemunhos pessoais emergem, também, como evidência para ilustrar uma opinião ou um argumento. Sendo assim, a entrevista e o debate transformam-se numa “conversa”, como afirmam os próprios apresentadores dos programas, interpelando o telespectador a ocupar um lugar de partilha.

Ao definir-se como uma “conversa”, os programas convocam um sentido de proximidade, como se pretendessem que a conversa ali encenada se assemelhasse às



práticas da audiência na vida cotidiana. Numa análise da história da conversação, Peter Burke (1995) salienta que o significado do termo latino para conversação, “*conversatio*”, aproximava-se de “intimidade”, uma vez que ressaltava relações sociais entre pessoas próximas. João Freire Filho (2009, p. 2) lembra que o termo latino “*intimus*” é o superlativo do adjetivo “interior”, significando, portanto, “o mais afastado”, “o mais recôndito”, “o mais secreto”, “o âmago”. Na esfera íntima residem os segredos e confidências que culminam no sentido de “confiança”, uma amizade estreita entre duas pessoas. Sendo assim, a conversação aparece enquanto prática da vida cotidiana na qual os indivíduos podem despir-se emocionalmente, revelar seus segredos, encontrar interesses comuns e compartilhá-los. São esses os sentidos que os programas buscam evocar quanto põem em cena a troca de experiências pessoais.

Os testemunhos no telejornalismo

O relato de uma experiência pessoal, quando levada a público pela televisão, permite que o acontecimento individual ganhe relevo para a sociedade e, assim, formem-se grupos de interesses a partir dos assuntos levantados. Objetiva-se neste momento tratar de quatro finalidades dos testemunhos na conversação encenada em programas de entrevistas e debates⁴. O relato das experiências no telejornalismo pode servir para criar interesses comuns entre os participantes em cena e os telespectadores, fortalecer argumentos, provocar uma discussão de aspectos relevantes para a sociedade e dar sentido às experiências vividas de modo que ajude outras pessoas que passam por situação semelhante.

A) Criação de interesses comuns

⁴ Embora o presente artigo reflita apenas sobre programas de entrevistas e debates, é notável o crescimento de narrativas baseadas em testemunhos pessoais também em telejornais que permitem a interação entre seus mediadores e/ou que recebem entrevistados no estúdio. Na edição de 07/07/10, o *Jornal das Dez* (Globonews) levou para o estúdio o psicanalista Luiz Alberto Py para analisar como os pais deveriam explicar aos filhos os crimes que envolviam o goleiro do Flamengo, Bruno. Uma das perguntas do apresentador André Trigueiro foi “em casa, você se percebeu com essa demanda de tratar, explicar algo, dar algum arremate às informações que ele [o filho mais novo do entrevistado] certamente está acompanhando?”. Já a apresentadora do *Bom Dia Brasil* (Globo) em São Paulo, Carla Vilhena, após apresentar a reportagem sobre os danos que bolsas muito pesadas podem provocar à coluna, comentou: “a minha [bolsa] também tem alicate de unha, tem lenço de papel, tem álcool em gel, lanche para quando fica muito tempo fora de casa. Mas a gente viu aí o que os médicos recomendam” (edição de 18/05/10).



Ângela Marques (2009, p. 8) afirma que “a conversação é uma dinâmica comunicativa que se desenvolve com maior frequência entre indivíduos que partilham as mesmas idéias, hábitos e experiências”, ou seja, indivíduos semelhantes desenvolvem laços afetivos, por meio da conversação, embasados em interesses comuns compartilhados. Ao se porem em contato pela primeira vez uns com os outros, os indivíduos podem iniciar a interação por meio da busca por informações ou pela identificação de algo que seja partilhado por ambos, o que poderá provocar uma repetição de interações e a formação de uma amizade.

Nos programas jornalísticos televisivos, embora o privilégio seja a busca pela informação, não se pode obliterar a tentativa dos apresentadores em identificar, em seu entrevistado, aspectos comuns que os integrem durante a conversa. Esse aspecto comum pode ser um gosto, a profissão, um relacionamento, experiências semelhantes, idéias coincidentes sobre um assunto ou qualquer outro elemento que ponha os participantes em uma situação de partilha, como se pode verificar na entrevista concedida pela atriz Ingrid Guimarães, na edição de 25 de novembro de 2007, no programa *Marília Gabriela Entrevista* (GNT):

- Marília Gabriela:** Quando você disse que tem a insegurança, você disse assim: “ah, tem o meu ego”, que você vai resolver lá com a minha homônima, a Marli [terapeuta da atriz, que, num ato falho, trocou o nome da apresentadora pelo da sua psicóloga]...
- Ingrid Guimarães:** Marli, eu já resolvo muita coisa com a minha Marli.
- Marília Gabriela:** Por que? Qual é o problema do ego?
- Ingrid Guimarães:** Primeiro, assim, como a minha vida foi muito ralada para conseguir tudo, eu sempre acho que alguma coisa vai desaparecer. A Marli fala: “Ingrid, mas a sua carreira é mais que consolidada”. Eu falo: “não...”. *E depois, se ver é muito complicado, né?*
- Marília Gabriela:** *Se ver eu acho...*
- Ingrid Guimarães:** *Eu odeio me ver.*
- Marília Gabriela:** *Que bom. Bem-vinda ao clube [apertando as mãos].*
- Ingrid Guimarães:** *Eu sei, eu sei porque eu tenho várias coleguinhas que concordam comigo.*
- Marília Gabriela:** É um problema.
- Ingrid Guimarães:** Porque eu nunca acho bom. Eu nunca acho bom. Eu tenho que perguntar para o outro: “- é bom? – é ótimo – ah, então tá”.

Como consequência, o programa pretende provocar no telespectador um sentimento de pertencimento na interação. O apresentador busca enquadrar a conversa a partir de elementos gerais que podem alcançar a todos. No *Marília Gabriela Entrevista*, por exemplo, o foco em “questões da alma” – sonhos, medos, frustrações - visa



incorporar o telespectador na intimidade que se busca durante a conversa, a partir de emoções que podem ecoar em suas experiências cotidianas.

A esfera íntima, aqui, tem como finalidade criar essa proximidade entre os participantes no estúdio e os telespectadores e, para isso, a apresentadora, no exemplo supracitado, empenha-se em criar um ambiente propício à troca de aspectos da vida privada. A cumplicidade entre os participantes se estabelece pela habilidade do apresentador em mostrar-se compreensivo com as questões compartilhadas pelo entrevistado e em destacar apenas os aspectos que têm um objetivo definido. Num outro exemplo, Leda Nagle, apresentadora do programa *Sem Censura* (TV Brasil), ao entrevistar o músico Moraes Moreira (edição de 29/04/09), evita polemizar sua saída do grupo Novos Baianos, mas destaca esse elemento como um relevante aspecto para a carreira do cantor. Por conta desse ambiente, o cantor sente-se à vontade para revelar a verdade sobre o assunto: “dizer que foi tudo tranquilo é mentira”. Assim, a cumplicidade, ao contrário da dureza, pode ser usada pelo jornalismo como forma de buscar a verdade, que é compartilhada livremente pelo interlocutor.

B) Fundamentação de um argumento

Nos programas de entrevistas e debates, as informações compartilhadas entre fontes e jornalistas se baseiam em argumentos ancorados em dados concretos, provas, relatórios. O relato de experiências pessoais pode, igualmente, provocar a formulação de um argumento fundamentado não em dados externos ao indivíduo, mas naquilo que está impregnado em sua vida cotidiana. Tratando das conversas na vida cotidiana, Ângela Marques (2009) afirma que

[...] o testemunho pode ser visto como um procedimento prático empregado pelos indivíduos para tornar seus pontos de vista mais inteligíveis e passíveis de serem aceitos como válidos. Ao assumir uma forma narrativa, o testemunho retira as experiências do *locus* de sua ocorrência particular e lhe confere um valor de ilustração, exemplo, prova ou argumento. [...] O emprego do testemunho em situações de conversação informal oferece a oportunidade de perceber a situação a partir da perspectiva do outro, o que pode contribuir para a mudança de modos de pensar e de compreender as histórias individuais e coletivas (MARQUES, 2009, pp. 11-12).



Assim, pelo testemunho, os indivíduos constroem seus pontos de vista de modo mais inteligível e permite que o outro seja incluído na situação narrada. A experiência de vida busca efetuar uma reflexão sobre uma condição mais ampla e cumpre o que George Mead (1926) apontou sobre o papel do jornalismo de fazer questões individuais ganharem relevância social: “após ser lançada em seu formato aceitável, [a notícia] serve para o leitor interpretar sua experiência como uma experiência partilhada pela comunidade à qual pertence” (MEAD, 1926, p. 390). É nesse sentido que se pode compreender a pergunta que Marília Gabriela fez a Fátima Bernardes (13/01/08):

Marília Gabriela: Fátima, você teve uma experiência traumática, eu imagino. Vocês foram assaltados. O assaltante... Era um assaltante? [...] É uma situação que eu sequer consigo imaginar. Já fui assaltada na rua, mas quando você é invadido na sua casa, imagino que seja uma experiência insuperável ou você superou e de que forma?

Fátima Bernardes: Olha, ela é... a superação é muito lenta. Eu acho assim que ela foi um marco, ela é definitiva na forma... Porque ali na sua casa é a área em que você acha que está protegido, né? [...] Eu acreditava que estava. Tanto que a minha casa não tinha grades, não tinha alarme, não tinha nenhum tipo de segurança. A casa estava lá. E eu era tão tranquila que a gente dormia com as janelas embaixo abertas [...] e foi por ali que ele entrou. Então, você está dormindo e... Eu escutei o barulho da porta. A gente deixa ela encostada por causa das crianças e aquele “tac” abrindo a porta. E eu já olhei... estava de braços e eu já olhei na altura que chegam os meus filhos, geralmente o Vinícius ou Beatriz. E aí... lembro que tive que olhar para cima porque a gente deixa a luz da sala íntima acesa para as crianças terem o caminho facilitado, e aí eu vi uma sombra alta. Ele acendeu a luz, eu já vi a arma. É assim, você imagina que não é possível, que em algum momento você vai acordar. [...] Ele não nos reconheceu inicialmente [...]. Depois nós... a ficha dele foi toda levantada. Ele é um rapaz que tinha dezenove anos. Como outros menores de idade, com passagem pela Febem, e que começou a assaltar. Já era o terceiro assalto e sempre sozinho, descalço e armado. [...]

Marília Gabriela: *Eu vou te fazer uma pergunta quase delicada. Você é uma jornalista, uma jornalista de renome no, talvez ou seguramente, jornal de maior importância do país, da televisão brasileira, que é o Jornal Nacional. E você se ressentia, evidentemente, de todas as formas, dessa violência. A sua objetividade como jornalista se perde nesse momento ou você consegue fazer uma análise crítica do que aconteceu e do que acontece todos os dias, particularmente, ou onde é mais noticiado, no Rio de Janeiro?*

Fátima Bernardes: *Não, eu consigo fazer uma análise, acho, muito mais crítica. Eu consigo fazer uma análise de que, por exemplo, é impossível uma pessoa passar por um reformatório e sair do jeito que esse menino saiu. Eu acho que é impossível uma pessoa que já teve passagem pela polícia, como era o caso dele, estar solto na rua. Eu acho que é impossível o acesso que as pessoas têm a arma com uma facilidade. Eu fiquei muito mais crítica e percebendo que a coisa está muito perto.*



- Mas não no sentido de querer algo em termos de uma vingança pessoal...*
- Marília Gabriela:** Não, mas uma ação política. E como ação política o que você acha que deveria acontecer?
- Fátima Bernardes:** Bom, embora não seja uma medida de curto prazo, pode parecer bobagem, tem que ser educação. Sem isso a gente não vai chegar a lugar nenhum. Em outro momento, eu acho que a gente tem que ter as prisões realmente cumprindo pena. As pessoas hoje, elas já não são tementes a Deus, elas não são tementes à lei. Porque hoje em dia é quase como se você tivesse o direito de matar uma pessoa, é só escolher bem quem. Porque a primeira pessoa que você matar vai te dar o que? Quatro anos de cadeia? Talvez.
- Marília Gabriela:** E a penalização de menor de idade?
- Fátima Bernardes:** Eu acho que dezesseis anos, se você pode furtar, você pode responder pelos seus atos. Eu acho que a partir daí... se você pode escolherem quem você vai votar, você pode responder pelo que você faz.

O testemunho, nesse caso, entra na conversa com o peso de um argumento que fundamenta a idéia da entrevistada sobre o sistema penal e a segurança pública. Foi a partir de uma experiência pessoal que Fátima Bernardes pôde rever suas idéias e formular uma opinião mais consolidada sobre o assunto. Além disso, Marília Gabriela busca da entrevistada uma postura crítica com relação a sua atividade profissional e se a experiência produziu implicações sobre seu papel como jornalista. A abordagem do tema no programa pretende levar o telespectador à reflexão tendo como parâmetro uma experiência real que torna-se próxima a ele também.

C) Revelar um problema social

Se por um lado o testemunho pode contribuir para fortalecer argumentos, por outro ele pode ser usado para iniciar um debate sobre um problema social. Nesse caso, a conversação faz o sentido contrário da anterior: parte de um problema coletivo para o que é vivido individualmente. O debate do *Roda Viva* sobre deficientes físicos representa essa dimensão (19/06/06):

- Paulo Markum:** [...] *Eu queria, antes de mais nada, colocar uma questão preliminar, que é a seguinte: o que o país precisa fazer para que a nossa bandeira aqui, digamos, estilizada [referindo-se ao emblema que ocupa o centro do cenário do programa naquela edição], se torne uma realidade, ou seja, para que os deficientes estejam definitivamente incluídos? E eu queria pedir isso, reclamando, digamos, solicitando, a experiência de cada um de vocês, porque se a gente for discutir a questão pura e simplesmente no plano geral, existem inúmeras questões a serem resolvidas.* E eu acho que



até o grande público, alguma parte delas identifica: educação, emprego, acessibilidade, condições da sociedade. Mas eu queria que cada um puxasse pela sua vivência e dissesse assim: “Pela experiência que eu tenho, o mais importante, ou mais urgente, ou mais essencial, é isso”. Começando pela Célia Leão [então deputada estadual pelo PSDB de São Paulo e militante do Movimento pelo Direito das Pessoas com Deficiência].

Célia Leão:

[...] Está aqui bem o símbolo da pessoa deficiente no Brasil, que é uma causa de todos nós. Eu diria uma frase em que a gente vai vivendo 31 anos numa cadeira de rodas e vai aprendendo: “Ter uma deficiência, com certeza absoluta não é a melhor coisa do mundo”. Lógico que tem outras situações mais fáceis e mais agradáveis, mas também posso dizer, afirmar que não é a pior coisa do mundo. Muito pelo contrário, as dificuldades nós vamos tirando do dia-a-dia. Mas é preciso pelo menos três vertentes: a primeira delas a família, que é fundamental na integração da pessoa com deficiência, primeiro na sua casa. Depois a sociedade como um todo entendendo o respeito e a responsabilidade com esse segmento que, como você mesmo disse, perpassa aí quase 20 milhões de pessoas, brasileiros, homens e mulheres, jovens, crianças, adultos e idosos, que têm algum tipo de deficiência. E terceiro, obviamente, políticas públicas que venham a atender diretamente a questão do deficiente. E essas políticas públicas, nós temos a questão da legislação, seja ela federal, na Constituição Federal de 1988, nas Constituições Estaduais e principalmente nas Leis Orgânicas do Município, que quase 5.560 municípios do Brasil, hoje têm, pelo menos um artigo, um capítulo, vendo a questão da pessoa deficiente. Agora precisa colocar em prática e aí é o nosso debate de hoje à noite.

O objetivo dessa forma de interpelar a participação dos convidados é inserir aquilo que é experienciado numa reflexão sobre um tema de interesse público, a fim de levar o telespectador a uma compreensão do problema a partir de quem o vive. Com isso, permite-se que a audiência reexamine suas posições sobre o assunto através do acesso aos aspectos da vida privada.

D) Dar sentido às experiências vividas e ajudar as pessoas que passam pelo mesmo problema

Muitas vezes, os programas jornalísticos televisivos empregam os testemunhos para levar ao público uma reflexão pessoal sobre um problema vivido. O relato da experiência é extremamente focado no subjetivo, mas busca levar a pessoa que vivenciou - ou vivencia - o problema a uma formulação mais madura a respeito do assunto em questão. Sobre a questão da maternidade, o programa *Sem Censura* levou ao ar o depoimento da cantora Preta Gil (08/05/09):

Leda Nagle: E a maternidade de Preta [Gil, cantora]? Preta teve filho cedíssimo, né?



Vinte anos?

Preta Gil:

[...] Eu acho o Francisco [filho da cantora]... ele foi assim, naquele momento da minha vida, ele foi a salvação da minha vida. Essa época da adolescência é uma época crucial na vida de qualquer adolescente, enfim, mulher, homem, de você ter que optar, saber o que você vai ser quando crescer e você já estando grande, enfim. A coisa de ingressar na vida profissional... entrar na faculdade. Eu não queria essas coisas para mim. Eu estava... eu estava muito em dúvida do que eu queria ser. Eu não sabia se eu queria cantar, se eu queria representar, se eu queria ser atriz, se eu queria ser modelo, se eu queria ser cozinheira e isso me angustiava muito. Aí eu comecei a namorar o Otávio, pai do Francisco, e eu fiquei grávida. Eu digo que foi um “sem querer querendo”. Eu deixei que acontecesse. Foi uma surpresa para todo mundo porque eu não dividi com todo mundo a minha angústia. E aí, quando eu descobri que estava grávida do Francisco, eu falei: “agora eu tenho um motivo para viver. Agora eu não preciso ficar nessa dúvida do que eu vou ser, se eu vou ingressar na carreira como o meu pai, de cantora e seguir meus dons, se eu vou continuar representando. Não. Vamos parar com isso tudo, porque agora eu tenho uma outra história aqui, que é o meu filho”. Então, não que seja uma fuga. Eu acho que ele foi exatamente isso: eu encontrei a razão da minha vida e decidi construir e me descobrir profissionalmente, afetivamente, em todos os sentidos, com ele do meu lado.

O testemunho de uma experiência visa fortalecer os vínculos de intimidade que o programa pretende construir, ao mesmo tempo em que propõe para o telespectador um tipo de recepção que não está calcado na informatividade, mas no prazer de ouvir o outro falando sobre si mesmo. Tal característica foi salientada por Sonia Livingstone e Peter Lunt (1994), que demonstram que um dos prazeres encontrados pelos receptores de *talk shows* é ouvir pessoas comuns falando sobre si mesmas e, conseqüentemente, poderem reorientar suas práticas cotidianas a partir desses depoimentos: “alguns pensam que podem aprender algo sobre o mundo social através desses programas” (1994, p. 83).

Na entrevista com Fátima Bernardes (13/01/08), o principal assunto do primeiro bloco do *Marília Gabriela Entrevista* foi o processo de fobia que a apresentadora do *Jornal Nacional* entrou após o nascimento de seus três filhos. Fátima Bernardes relatou com detalhes seu medo de avião, as conseqüências físicas, o tratamento que buscou para se livrar do problema e os resultados obtidos. A entrevistada não apenas confessa seus medos e os descreve à audiência, como também indica sua cura, o que acaba se tornando um “momento de auto-ajuda” e de incentivo a que pessoas que passam por problemas tenham força de vontade para livrar-se deles. A superação do medo de avião de Fátima Bernardes foi resumida por ela como “eu sou capaz de não ter esse descontrole que eu tive físico, desde que eu me cuide antes”.



Ser testemunha, portanto, não é apenas presenciar um acontecimento, mas vivê-lo e transmiti-lo a partir das sensações que desperta. Se os relatos jornalísticos baseiam-se, historicamente, numa descrição dos fatos a partir do apagamento das opiniões e emoções do repórter, com os testemunhos pessoais fornecidos nos programas o telespectador é convocado a ocupar um lugar não tanto de quem pretende conhecer algo novo, mas de quem partilha de um mesmo mundo. O relato de experiências pessoais captura o telespectador pela sensibilidade e pela emoção, que não necessariamente se manifesta pelo exagero de imagens chocantes ou de descrições do mundo cão, mas pelo que é vivido pela pessoa comum e o modo como ela consegue, pelo discurso, dar sentido às experiências e transmiti-las a outros. São esses significados que, segundo Mead (1926), permitem a percepção do mundo “real” e a socialização dos indivíduos a partir de um imaginário que gera um sentimento de apreciação e prazer pelo simples fato de ser compartilhado com outros.

Considerações finais:

Não se pretende, aqui, afirmar que todo e qualquer testemunho em programas de entrevistas e debates recebe um enquadramento jornalístico, servindo para questões relevantes. É notável que, em alguns casos, as conversas entre jornalistas e fontes enveredem assuntos que dizem pouco (ou nada) à vida do telespectador – o novo corte de cabelo, os hábitos saudáveis, informações sobre relacionamentos íntimos, entre outros temas que, embora acionem a curiosidade da audiência, têm pouca utilidade para sua vida cotidiana.

O objetivo deste artigo é oferecer uma visão alternativa às críticas sobre a exposição da vida pessoal na televisão e, ao mesmo tempo, fornecer um alargamento ao discurso hegemônico de jornalismo, ao redimensionar a centralidade de seu papel político. O acesso à sensibilidade do telespectador não precisa ser compreendido como uma ameaça à qualidade do jornalismo, mas como uma tentativa de permitir que os indivíduos se interliguem pela afetividade, a qual o relato jornalístico também proporciona. Os testemunhos pessoais catalisam as possibilidades de socialização através do acesso à vida íntima dos entrevistados e dos entrevistadores, que não visa a exploração gratuita da vida privada, mas insere-a num contexto relevante para a



formação de argumentos, a denúncia a problemas sociais, a reflexão e partilha da solução de problemas, e à criação de vínculos afetivos que permitem que os representantes da cena televisiva e os receptores comunguem dos problemas uns dos outros e atribuam novos significados ao seu mundo. Quando o relato de experiências é usado para esses fins, os próprios entrevistados compactuam com os programas num ambiente de cumplicidade e cordialidade, e esforçam-se em colaborar para construir uma informação relevante. A conversação posta em cena nos programas pode fornecer informações relevantes através da construção de uma relação prazerosa com a audiência, que se vê convidada a partilhar a mente de outros indivíduos e ressignificar o mundo social.

Referências bibliográficas:

BURKE, P. **A arte da conversação**. (trad. Álvaro Luiz Hattner). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995

CHALABY, J. O jornalismo como uma invenção anglo-americana. Comparação entre o desenvolvimento do jornalismo francês e anglo-americano (1830-1920). In: **Media & Jornalismo**, Vol. 1, no 3, 2003, pp. 29-50. Capturado em http://revcom.portcom.intercom.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645.

DAYAN, D. Quand montrer c'est faire. In: **La terreur spectacle**. 2006, pp. 165-184;

EKSTRÖM, M. Information, storytelling and attractions: TV journalism in three modes of communication. In: **Media, Culture & Society**, 2000, Vol. 22, 465-492.

FREIRE FILHO, J. **A vida privada, modos de usar**: revelações e restaurações televisivas. Texto apresentado no GT “Comunicação e Sociabilidade”, do XVIII Encontro da Compós, na PUC-MG, Belo Horizonte, MG, em junho de 2009. Disponível em http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1077.pdf, acesso em janeiro de 2010.

GOMES, W. Esfera pública política e media. Com Habermas, contra Habermas. In: **Comunicação e democracia de massa**: problemas e perspectivas. Salvador, 2005, pp. 16-42.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. Investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

JOST, F. **La télévision du quotidien**. Entre réalité et fiction. Paris : Éditions De Boeck Université, 2003.

LIVINGSTONE, S.M.; LUNT, P. **Talk on Television**: audience participation and public debate. London and New York: Routledge, 1994.

MARQUES, A. **A conversação informal na internet: aspectos afetivos e políticos**. Texto apresentado Grupo de Trabalho “Comunicação e Sociabilidade”, do XVIII Encontro da Compós, na PUC-MG, Belo Horizonte, MG, em junho de 2009.



MATEU, M. La entrevista en televisión. In: BALSEBRE, Armand; MATEU, Manuel; VIDAL, David. **La entrevista em radio, televisión y prensa**. Madrid, Ediciones Cátedra, 1998, pp. 149-244.

MILLER, S. **Conversation** – a history of a declining art. New York: Vail-Ballou Press, 2006.

ÖRNEBRING, H; JÖNSSON, A.M. **Tabloid journalism and the Public Sphere**, 15:e Nordiska konferensen för medie- och kommunikationsforskning, Reykjavik, 11-13 augusti 2001, Arbetsgrupp: Mediehistoria (capturado em <http://www.nordicom.gu.se/mr/iceland/papers/five/AMJonsson.doc>, em 26 de janeiro de 2008)

REZENDE, G.J. **Telejornalismo no Brasil**. Um perfil editorial, SP, Summus Editorial, 2000;

SILVA, F.M.. Conversa leve e embate intelectual: o *infotainment* no Marília Gabriela Entrevista. **Eco-pós**, v. 12, no 2, maio-agosto 2009, pp. 190-205, disponível em <http://www.pos.eco.ufrj.br/ojs-2.2.2/index.php/revista/article/view/109>.

TARDE, G.. A opinião e a conversação. In: **A opinião e as massas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pp. 79-154.

TIMBERG, B.M.; ERLER, R.J. **Television Talk: a history of the TV talk show**, Texas, University of Texas, 2004.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**, porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, vol. 1, 2004, 224p.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, vol.2, 2005, 216p.

VEJA. **Com a língua solta**. Com poucas idéias e pouco dinheiro, as emissoras entram na onda do falatório com imagens. 22 de julho de 1992, pp. 92-93.